

ISSN 1676-5001

## **ANÁLISE DISCURSIVA JORNALÍSTICA: PRODUTOS DO CONDICIONAMENTO SOCIAL DAS PRÁTICAS DE ENUNCIÇÃO E LEITURA<sup>1</sup>**

### *JOURNALIST DISCOURSIIVE ANALYSIS: PRODUCTS OF SOCIAL STANDARDIZATION OF ENUNTIATION AND READING PRACTICES*

*Carla Simone Doyle Torres<sup>2</sup> e Adair Caetano Peruzzolo<sup>3</sup>*

#### **RESUMO**

*O jornalismo diário favorece a observação de estruturas discursivas legitimadas socialmente. A mídia impressa constitui rico material para leitura de sentidos, no desvelamento das estratégias nela presentes. Nesta pesquisa, o olhar analítico volta-se à matéria textual posta em discurso. A partir de seis reportagens de Zero Hora sobre a cobertura do V Fórum Social Mundial, a análise observa efeitos de enunciação, tematizações e figurativizações presentes. Como marco teórico, colabora a Escola Francesa de Análise do Discurso, na linha de Maingueneau. Aplicam-se os conceitos de comunidade, formação e heterogeneidade discursiva. Em geral, constata-se a prevalência do texto icônico sobre o lingüístico. Avaliações e julgamentos direcionam a interpretação textual. Mostra-se que o modo discursivo como as mensagens são elaboradas implica tanto na formação de sentido quanto de conteúdo. O alcance das suas palavras e enquadramentos é mais amplo do que o enunciador percebe ou mesmo compreende.*

**Palavras-chave:** reportagem, mídia impressa, icônico-lingüístico, sentido.

#### **ABSTRACT**

*The daily journalism contributes to the observation of socially legitimated structures. The press media is a rich material to the reading of meaning throughout the discovering of their strategies. In this research, the analytical view is directed to the textual material established in the discourse. Based on six Zero Hora news reports related to the V World Social Forum, the analysis observes the enunciative effects as well as the tematic and figurative aspects presented. As a theoretical mark*

---

<sup>1</sup> Monografia de Final de Graduação - UFSM

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Comunicação Social - Jornalismo - UFSM.

<sup>3</sup> Orientador - UFSM.

*is presented the French Discourse Analysis based on Maingueneau. The concepts of discourse community, formation and heterogeneity are applied. In general, is verified the prevalence of iconic text upon the linguistic text. Evaluations and judgements direct the reader's interpretation. It's shown that the discursive way in which the news reports are presented implies in the formation of sense as the content which they inform. The grasp of his words and perspectives is wider than the enunciator, in general, perceives or even comprehends.*

**Keywords:** *news reports, press media, iconic-linguistic, meaning.*

## INTRODUÇÃO

Para a análise da formação do sentido, na reportagem jornalística impressa, é importante considerar esse suporte midiático como um texto multimodal (KRES; LEEUWEN, 1996), ou seja, aquele que reúne vários códigos interpenetrados na mesma mensagem. No caso desta pesquisa, o texto da reportagem é considerado na perspectiva das modalidades de linguagem icônica e lingüística, que se referem a duas estruturas básicas: as palavras e aquelas popularizadas como imagens, as fotografias.

Este texto informativo baseia uma série de relações e formação de sentidos, a partir das condições de representação entre os sujeitos envolvidos, e que se tornam passíveis de análise através da Semiologia dos Discursos, preocupada em cuidar dos modos e mecanismos de produção e recepção dos textos (PERUZZOLO, 2004).

A metodologia da Escola Francesa de Análise do Discurso<sup>4</sup> colabora aqui para a leitura das estratégias empregadas nas mensagens e na articulação da relação intersubjetiva enunciador (produtor)/enunciário (receptor) – papéis assumidos pelos sujeitos empíricos no jogo enunciativo. O interesse por desvelar essa complexa relação é saber como os espaços icônico e literário movimentam valores a partir das estratégias detectadas na elaboração de um todo informativo, a reportagem.

## METODOLOGIA

---

<sup>4</sup> A análise discursiva surgida na França, durante os anos 1960, envolve a lingüística, a história e a psicologia. Assim, na relação enunciador – mensagem – enunciário, a construção e a fruição dos enunciados, dos ditos, vão depender “de uma posição dada [que os sujeitos da enunciação ocupam] numa conjuntura determinada” (PÊCHEUX apud MAINGUENEAU, 1993, p. 22). Entre os expoentes da Escola Francesa de Análise do Discurso, estão Dominique Maingueneau (cuja linha de pensamento serve de base a este trabalho), O. Ducrot e Ingedore Koch.

O *corpus* desta pesquisa é formado por seis reportagens das edições de Zero Hora referentes ao período de 26 de janeiro a 1º de fevereiro de 2005, relativas à cobertura do V Fórum Social Mundial. Sobre o *corpus*, são aplicados conceitos e princípios orientadores, como o de comunidade discursiva, ou seja, o ambiente, o contexto, o “grupo ou organização de grupos em que são produzidos textos” (MAINGUENEAU, 1993, p. 56). Também é utilizado o conceito de formação discursiva, espécie de matriz geradora de condutas sociais que direcionam, ao longo dos tempos, modos e usos na interação dos sujeitos da enunciação no contexto da comunidade. Não se trata de condutas engessadas no tempo, mas do “lugar de um trabalho no interdiscurso” (MAINGUENEAU, 1993, p. 113), de acordo com mudanças lingüísticas, históricas e psicológicas. Entre os exemplos da atuação da formação discursiva, está o recurso a entidades circulantes nos mais variados meios de atividade social, com o objetivo de construir efeitos de realidade em torno das narrativas jornalísticas.

Pode-se compreender, a partir das noções de comunidade e de formação discursiva, a inerência dos conceitos de pacto de veridicção, heterogeneidade discursiva e campo discursivo. Com relação ao pacto de veridicção, pode-se dizer que, regidos por ele, um comunicante endossa o lugar do outro, de modo que a autoridade dos meios de comunicação fixa-se na base da aplicação de condutas historicamente legadas, de uso comum. A heterogeneidade discursiva – que consiste na agregação de várias vozes externas (polifonia) ao texto em construção (MAINGUENEAU, 1993) – reforça efeito de construção de realidade na mensagem. Já a noção de campos discursivos coloca a relação dos saberes humanos em “espaço social estruturado [onde] há dominantes e dominados, (...) relações constantes, permanentes, de desigualdade, que se exercem no interior desse espaço – que é também um campo de lutas para transformar ou conservar esse campo de forças” (BOURDIEU, 1997, p. 57). Maingueneau complementa a idéia de campo, especificando-o como as “formações discursivas (...) em relação de concorrência, delimitando-se por uma posição enunciativa de determinada região” (MAINGUENEAU, 1993, p. 116). Nesse sentido, Bourdieu (1997) complementa e direciona a compreensão mais adequada do termo a esta pesquisa, agregando-lhe a idéia das estratégias empregadas por seus membros.

A matéria icônico-lingüística – que Camargo (2001) considera objeto noticioso – movimenta, na perspectiva semiológica, uma série de valores tanto em quem a produz, como em quem dela se apropria. Apropriação que se dá na ação individual (e social, devido ao contexto em que se vive) de colocar em andamento arquétipos e outras estruturas psicossociais na

leitura dessa tessitura.

Como a marca da relação produtor/receptor tem uma de suas maiores expressões no conjunto informativo icônico-literário/verbal, largamente utilizado na imprensa mundial – seja na sua versão impressa, seja através dos meios eletrônicos, como as transmissões televisivas ou versões *on-line* da rede mundial de computadores – a análise dos efeitos de sentido torna-se uma necessidade para o comunicador. Atento aos mecanismos que os produzem, o comunicador poderá cumprir, com mais eficiência, a rotineira tarefa de informar, movimentando saberes a partir do jogo entre ferramentas que, muitas vezes, nem percebe estar utilizando e cujas potencialidades poderiam ser mais bem exploradas.

Ocorre que, no processo discursivo, o elemento socializado como visual – a fotografia – atrai uma importante parcela da atenção de seus decodificadores. Essa condição é facilmente perceptível no caso do uso das fotografias de capa das edições, apresentadas como vitrina dos diários. Desse modo, o texto icônico – a fotografia – torna-se entrada de leitura da mensagem (CAMARGO, 2001) e agencia um leque de possibilidades de interpretação. Toma-se, portanto, a fotografia por enunciado do mesmo modo que a expressão textual lingüística. Conseqüentemente, os cruzamentos advindos das tematizações e figurativizações<sup>5</sup> icônico-lingüísticas convergentes (isotópicas) e divergentes ou não-correspondentes (alotópicas) são tidos como fundamentais na elaboração do todo informativo e, portanto, na movimentação de determinados valores e, por isso, também observados.

Ocorre que o produtor, grande parte das vezes, não tem noção da amplitude e potencial de interpretações da imagem que pretende utilizar. Por vezes, escolhe a(s) foto(s) de uma reportagem devido à sua estética, ângulo, cores e singularidade, mas não sabe explicar ao certo o que são ou como atuam esses recursos da linguagem icônica. “O discurso (...) constitui um dos ‘vínculos’ mais importantes de produção de sentido no interior de uma sociedade” (VERÓN, 1980, p. 60).

O discurso, pois, tomado como “conjunto de fenômenos da produção social dos significados” (PERUZZOLO, 2004, p. 150), por vezes aproximado do conceito de ideologia<sup>6</sup>, tem aqui este seu aspecto perfeitamente compreensível, visto que é impossível a formulação de sentidos fora de uma cultura que os reconheça, que saiba suscitá-los e

---

<sup>5</sup> A tematização dispõe os assuntos como uma teia de derivações, numa hierarquia ao longo do discurso; a figurativização vem para revestir os temas de investimentos sensoriais, agregando idéias do concreto à tematização, de modo a conferir-lhe objetividade (PERUZZOLO, 2004).

movimentá-los e que esteja, portanto, presa aos próprios preconceitos e representações.

O discurso, bem menos do que um ponto de vista, é uma organização de restrições que regulam uma atividade específica. A enunciação não é uma cena ilusória onde seriam ditos conteúdos elaborados em outro lugar, mas num dispositivo constitutivo da relação do sentido e dos sujeitos que aí se reconhecem (MAINGUENEAU, 1993, p. 50).

Nesse sentido, a compreensão de que o homem, imbuído de valores, é agente nos processos de captura de imagens e de incursões no código a fim de redigir um texto multimodal – ou seja, seleciona elementos que compõem a cena fotografada, bem como estabelece a ordem e a relação entre as palavras da mensagem – acompanhada da noção de que esse homem é também agente no processo de interpretação da mensagem icônico-lingüística, daí o processo enunciativo completo.

Vidente de traços, linhas, formas, manchas e cores, o espectador não é mero receptor de informações visuais. É, sobretudo, um agente ativo da mensagem que captura. O que ele vê se, de um lado, é a garantia da ação de uma enunciação, por outro, é também a garantia de que o efeito de sentido decorrente é um trabalho pessoal sobre o que foi mostrado (PERUZZOLO, 2004, p. 57).

Para Peruzzolo (2004), a fotografia impressa é um texto regido por regras particulares, que estabelecem a sua comunicabilidade no meio informativo impresso. O conhecimento dessas regras, porém, encontra-se ainda em fase de construção, para estabelecer um estatuto de leitura com base em códigos ainda difusos que regem esse texto presente na humanidade desde as pinturas rupestres.

Na falta de um conjunto de regras que guiem a leitura da imagem, o texto lingüístico da reportagem limita, parcialmente, o universo de polissemias movimentadas pela fotografia. A leitura seria “induzida pelas palavras” (LIMA, 1988, p. 30), sobre as quais o ser humano detém maior conhecimento e controle. No entanto, considerar a fotografia com o mesmo *status* de texto dado ao conjunto literário, que junto a ela se apresenta, implica reconhecer nessa estrutura dialógica um caráter peculiar de cada objeto noticioso<sup>7</sup>, regido por um estatuto específico (CAMARGO, 2001). Assim, busca-se entender o produto dessa série de escolhas enunciativas

<sup>6</sup> Para Marilena Chauí (2001, p. 85-6), a ideologia é a “transformação das idéias da classe dominante em idéias dominantes para a sociedade como um todo, de modo que a classe que domina no plano material (econômico, social e político) também domina no plano espiritual (das idéias)”. A autora aponta os meios de comunicação como uma das instituições disseminadoras dessas idéias, na função de convertê-las em “idéias comuns a todos”.

que selecionam tempo, espaço, temas e figuras na construção de uma narrativa, a partir da qual se estabelece todo sentido informativo.

## O TRABALHO SOBRE OUTROS DISCURSOS: CONDIÇÃO DE EXISTÊNCIA DA AUTORIDADE INFORMATIVA

Para além da frase que o marca fisicamente, o dito configura-se como a manifestação de um sentido enraizado num modo de ser (MAINGUENEAU, 1993). Na figura 1, encontrar-se-á implícito o ponto de vista do enunciador, suas características, suas concepções e o seu lugar físico e ideológico no mundo.



**Figura 1.** Marcas enunciativas de Zero Hora

Nesse exemplo (Zero Hora, Porto Alegre, 31 jan. 2005. Cabeçalho da edição, p. 1), em que se destaca o uso do dispositivo da modalidade lingüística conhecida como manchete, firma-se uma espécie de contrato – o pacto de veridicção – uma cumplicidade estrutural, em que se afirmam as funções dos sujeitos que encarnam os papéis enunciativos (o *eu* que fala, persuade e o *eu* que recebe, adere à idéia apresentada). Desse modo, na perspectiva da Análise do Discurso, a autoridade dos meios de comunicação firmou-se sobre uma estrutura social que a legitima ao reproduzir as condutas de leitura historicamente legadas.

A partir dos valores circulantes, tornou-se uso comum a maioria das pessoas conferir, nas páginas dos jornais a autoridade que o enunciador necessita para angariar credibilidade. Em contrapartida, no esforço para a manutenção desse vínculo, os sujeitos agentes no campo recorrem largamente a fontes circulantes nos mais variados âmbitos da atividade humana e suas possíveis interpenetrações, na busca da construção dos efeitos de realidade na elaboração de suas mensagens. Aqui é interessante destacar que o mito

<sup>7</sup> Para Isaac Camargo, o objeto noticioso “enquanto unidade significativa se constitui num texto (...) de índole sincrética” [Feito de relações intertextuais – entre elementos como a fotografia, organização plástica da página, além do elemento verbal – ele reúne o] “recorte da informação enquanto notícia, processada, editada, impregnada das ideologias que habitam o sistema social e editorial que se revelam articuladas no texto” (CAMARGO, 2001, p. 231-2).

da objetividade absoluta que, por muito tempo, consistiu no ideal da atuação jornalística<sup>8</sup>, vive no uso predominante da terceira pessoa como recurso de afastamento na condução dos temas abordados.

No caso do meio impresso, a fronteira entre os diferentes saberes presentes é materializada pela divisão da massa de textos informativos icônico-lingüísticos entre as chamadas editoriais, seções que se distinguem pelos assuntos que abordam, pela linguagem e recursos gráficos que utilizam, entre outras posturas específicas.

De acordo com Bourdieu (1997), cada uma dessas seções pode constituir um campo ou tender para ele e, dessa forma, ser guiado pelo regimento peculiar desse campo. Por exemplo, há o campo político, o religioso, o artístico, cada um com suas regras internas, temas, discussões, problematizações e representantes muitas vezes chamados de expoentes, justamente por encarnarem ou praticarem pressupostos do determinado campo. Cada uma dessas verdadeiras malhas de usos e costumes constitui uma tessitura de sentidos completos, que podem ser considerados textos.

O jornalismo funciona, pois, como um grande texto, no interior do qual, os enunciadores fazem interatuar esses diversos outros textos, ou partes deles, no intuito de produzirem um novo todo de sentido que se mostre embasado e fundamentado (PERUZZOLO, 2004). Essa característica de conjugar, em um mesmo enunciado, temáticas de áreas distintas é definida como heterogeneidade discursiva. Na prática, ela é uma constituinte dos discursos usada – até mesmo inconscientemente – para conferir credibilidade aos enunciados produzidos. Prova disso é a necessidade preconizada no campo jornalístico para que se façam uso e citação das fontes. Por essa característica de agregar, em seus objetos noticiosos, partes de outros diversos campos do fazer humano, é que o discurso do campo jornalístico nasce como “um trabalho sobre outros discursos” (MAINGUENEAU, 1993, p. 120).

Maingueneau nomeia o processo de agregar ao texto manifestações explícitas – cujos autores ou origens são distinguíveis em meio à diversidade das fontes – como heterogeneidade mostrada. Comumente, ela pode estar associada à citação, às aspas, aos discursos direto e indireto, todas consagradas para a construção dos efeitos de realidade, a partir do visível afastamento do enunciador, na busca de dar voz a um outro mais credenciado para falar em seu lugar, num processo ilusório de tomada da

---

<sup>8</sup> A obra “A sangue frio” (1966), do jornalista Truman Capote (1924-1984) talvez possa ser considerada um marco na mudança acerca da noção de verdade na profissão, pois inaugura o *New Journalism*, em que a proximidade do narrador de seu tempo incrementa a carga informativa do conteúdo reportado.

palavra, como nos exemplos de Zero Hora (ELMI; SFREDO, 2005, p. 4):

1) “O que disse o presidente Lula: (...) ‘Esses que não querem ouvir são filhos do PT, que se rebelaram. Um dia eles amadurecerão e nós estaremos de braços abertos para recebê-los.’”

2) “As palavras de ordem de quem protestou: (...) Ô Lula, cai na real, Fórum econômico ou Fórum Social? (...) Out, out, Lula, Bush. Fora, fora, Lula, Bush. Fuera, fuera, Lula, Bush”.

Os exemplos 1 e 2 são casos de heterogeneidade em que a identificação dos elementos do interdiscurso se dá rapidamente. Isso acontece devido ao uso da figura do narrador que introduz as falas em discurso direto (transcrição literal da fala da personagem), que podem ou não vir acompanhadas de aspas.

O interessante é observar que, mesmo ao delegar a voz a um outro que narra, é possível observar a inserção desse, no ato de adjetivar as palavras dos manifestantes como sendo “de ordem”. Isso, inclusive, mostra que há uma tendência à maior valorização do discurso dos manifestantes em relação ao do Presidente Lula, já que a fala desta personagem é inserida através do verbo neutro “dizer”. Por outro lado, ao introduzir as falas da multidão de manifestantes, o verbo utilizado foi “protestar”. Esse verbo atribui veemência ao ato, visto que atribui ao dito coletivo um caráter de *slogan* de contestação. Nesses exemplos, é provada a assertiva de Maingueneau, quando o autor afirma que “em função do verbo escolhido (...) toda a interpretação será afetada” (MAINGUENEAU, 1993, p. 88).

Contudo, a heterogeneidade abrange uma gama maior de manifestações. Para além da citação ou alusão a fontes, ela implica toda relação do interior de um discurso – suas amarras internas – com aquilo que se julga ser seu exterior. Essa relação heterogênicamente textual pode ir desde as discordâncias, reorganizações e deslocamentos entre a voz do que relata e a voz do que é relatado (MAINGUENEAU, 1993) – resultando em casos de ironia, discurso indireto livre, negação – até o apoio em elementos como datas, mapas, estatísticas, entre outros. Todos são partes de textos secundários que dialogam com o texto maior – a reportagem. Nesse sentido, as próprias imagens são funcionalmente heterogêneas.

## **FOTOGRAFIA: O PRINCIPAL DISPOSITIVO ICÔNICO DO JORNALISMO IMPRESSO**

A respeito dos dispositivos icônicos – entrada de leitura para o objeto noticioso, como já foi visto neste trabalho – acontece um caso especial no caso da fotografia jornalística, pois se faz presente, muito frequentemente, o uso da legenda. Tão intrínseca é a relação da legenda com a foto, que ela, mesmo como dispositivo lingüístico, pode ser considerada parte do



dispositivo icônico que acompanha (LIMA, 1988). Para Vilches (1988), ela é um texto que contextualiza a imagem.

As legendas são classificadas por Camargo (2001) como descritivas e informativas. Ao descrever a imagem, a legenda não acrescenta comentários ou informações além das que o enunciário depreende da foto propriamente dita, e torna-se, portanto, totalmente redundante com relação a ela (LIMA, 1988). No *corpus*, foram encontrados poucos exemplos de redundância total.

O caso da legenda informativa é exemplificado por “aquelas que situam a imagem em relação ao fato ou evento do qual trata (...) São elucidativas e explicam ou comentam (...) complementando a imagem fotográfica quanto à notícia em si” (LIMA, 1988, p. 243). Nessa categoria, foi enquadrada a maioria das legendas do *corpus* considerado. Guran (1999) valoriza a classificação informativa da legenda ao considerá-la como elo entre a foto e o corpo do texto, enfatizando que ela deve “suprir o leitor de informações não contidas ou não evidentes na imagem, para facilitar e ampliar a apreensão da mensagem” (GURAN, 1999, p. 63).

Nos exemplos de legenda informativa, porém, foi constatada uma peculiaridade do veículo Zero Hora na cobertura ao Fórum Social Mundial. Em cinco das seis edições do *corpus*, as legendas compõem um tipo misto, que se torna informativo devido à ação de um elemento pontual: uma determinada palavra no início de cada legenda. Destacada em negrito e sucedida por dois pontos, ela direciona a leitura da fotografia, estreitando a gama de sentidos que poderiam ser agenciados pela imagem. É tão freqüente no *corpus* analisado, que poderia ser até mesmo considerada como um sub-dispositivo dentro do dispositivo legenda. Caso essa palavra fosse suprimida, na maioria dos casos, a legenda se tornaria meramente descritiva.

Na figura 2, adiante, verifica-se o caso da legenda “**Controle:** manifestante foi retirada por PMs” (ELMI, Alexandre, SFREDO, Marta. Mais aplausos do que vaias. Zero Hora, Porto Alegre, 28 jan. 2005. Reportagem Especial, p.5). A palavra “controle” encerra uma série de arquétipos movimentados a partir dos estereótipos de um militar e de um manifestante. No âmbito de nossa comunidade discursiva, situada em meio ao rol de instituições culturais, de arquétipos e representações peculiares, quem faz manifestação, geralmente desorganiza, chama a atenção para determinada causa. O militar, por sua vez, é historicamente envolvido com o restabelecimento da ordem e da segurança pública.

Na fotografia da figura 2, a seguir, (CAIVANO, Victor R. Zero Hora. Porto Alegre, 28 jan. 2005. Reportagem Especial, p. 5. 1 fot. p&b), a leitura denotativa da imagem é a de uma mulher presa por homens de

fardas militares, mas a legenda atua de forma incisiva na delimitação do universo de interpretações possíveis. A narrativa dessa fotografia poderia movimentar temas como a solidariedade, na possibilidade de se tratar uma mulher que passou mal e foi amparada pelos policiais, por exemplo. Contudo, ao trazer agregada a idéia de controle impressa pela palavra, ao figurativizar e revestir a temática da transgressão, da desordem silenciada pela força, ela encerra-se num leque muito pequeno de polissemias ou de interpretações possíveis: ela foi detida.

Esse caso de legenda é um exemplo de transparência com relação às concepções do enunciador, já que ele se mostra no julgamento que faz da ação militar mencionada. “Controle” poderia ser substituída por “abuso”, por exemplo, e a interpretação da imagem seria totalmente outra. Nesse caso, a idéia de restabelecimento forçoso da ordem poderia ser substituída pela impressão de tolhimento do direito à livre expressão, direito amplamente assegurado a todo ser humano. A legenda poderia ainda ser encabeçada pela palavra “socorro”. Assim, a primeira leitura conotativa lançada acerca da imagem seria evidenciada, pois a mulher poderia estar sofrendo um ataque epiléptico e ter sido socorrida pela polícia para que não caísse ao chão e se machucasse.



**Figura 2.** O detalhe da palavra que torna a legenda informativa.

## **REFLEXÕES PARA O CAMPO JORNALÍSTICO**

Neste breve trabalho, avaliou-se a reportagem veiculada em meio

impresso, considerando-a numa perspectiva de texto icônico-lingüístico. Para além de simples recurso icônico, buscou-se mostrar a fotografia como um importante dispositivo (um dos principais) para suscitar sentidos na veiculação das mensagens jornalísticas.

Ao se tornar consciente de toda a macroestrutura discursiva envolvida na produção de uma matéria jornalística, bem como de todo o leque de possibilidades semiológicas a que ela dá margem, o jornalista adquire uma melhor noção da amplitude em potencial de seu texto icônico-lingüístico. O alcance de suas palavras e enquadramentos é mais amplo do que ele, muitas vezes, percebe ou compreende.

Assim, o entendimento da engrenagem de produção de sentidos na perspectiva da Escola Francesa de Análise do Discurso – por meio de seu viés lingüístico, histórico e psicológico – na ênfase a determinados temas e figurativizações, realmente chama à reflexão do “como” da mensagem; não o “como” do *lead* jornalístico, mas aquele relativo ao posicionamento do enunciador com relação ao enunciatário por meio de um texto constituído de imagens e palavras. Essa análise mostra que a maneira como as mensagens são colocadas implica a formação de sentido tanto quanto o conteúdo que veiculam.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

CAMARGO, Isaac Antonio. O uso da fotografia e a construção do objeto noticioso na edição da mídia impressa. In: NETO, A. F. et al (Orgs.). **Práticas midiáticas e espaço público**. Coleção Comunicação 10. Compós - Volume 1. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

CAPOTE, Truman. **A sangue frio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **O que é ideologia?** São Paulo: Brasiliense, 2001.

ELMI, Alexandre, SFREDO, Marta. Mais aplausos do que vaias. **Zero Hora**, Porto Alegre, 28 jan. 2005. Reportagem Especial, p.4-5.

GURAN, Milton. **Linguagem fotográfica e informação**. Rio de Janeiro: Gama Filho, 1999.

KRESS, Gunter, LEEUWEN, Theo Van. **Reading Images: the grammar**

of the visual design. London: Routledge, 1996.

LIMA, Ivan. **A fotografia é a sua linguagem**. São Paulo: Espaço e Tempo, 1988.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Tradução de Freda Idusky. Campinas: Pontes: Editora da Unicamp, 1993.

PERUZZOLO, Adair. **Elementos de semiótica da comunicação**. São Paulo: Edusc, 2004.

VERÓN, Eliseo. **A produção de sentidos**. São Paulo: Culturix, Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

VILCHES, L. **La lectura de la image**. Barcelona: Paidós, 1988.